

GALERIA REPUBLICANA

Editor e proprietario — JOÃO JOSÉ BAPTISTA

Director: — Magalhães Lima. — Collaboradores: — Augusto Rocha, Alexandre da Conceição, Alves da Veiga, Anselmo Xavier, Bruno, C. Goodolphin, Ernesto Pires, Gomes Leal, Gerio Vaz, J. F. de Rosiers, José J. Nunes, Latino Coelho, Lopes Trovão, R. Cardoço, Reys e Sousa, Roberto Valença, Rodrigues de Freitas, Silva Lisboa, Teixeira Bastos, Theophilo Braga, Trigueiros de Martel, etc., etc.

PHOTOGRAPHIAS DE ANTONIO MARIA SERRA

Numero 40

Agosto — 1883

2.º anno

CHALLEMEL-LACOUR

M. Challemeil-Lacour é talvez o typo mais accentuado, o mais rigorosamente completo nas suas linhas e o mais em relevo da democracia classica e republicana; jacobino, dizem alguns; muito embora, não vemos mal n'isso. Se o espirito jacobino é o espirito de governo, de auctoridade e de methodo, o espirito da linha recta e correcta, o espirito que vae até ao fim sem pestanejar porque ha um grande fim nacional e humano, o espirito alimentado pela historia e pela philosophia d'este mundo, que quer fazer cousas novas seguindo methodos antigos, porque não ha na intelligencia do homem, methodos essencialmente differentes; não ha senão um ou dois modos de achar e de exprimir a verdade; se o espirito jacobino é isso, é preciso dizer que foi elle que fundou os governos e que nenhum se fundou sem o seu auxilio.

Mas se jacobino significa sectorio, de uma estreiteza de espirito incuravel... n'este caso o espirito jacobino não se pôde encontrar n'um homem tão alimentado de letras, de historia e de critica, que percorreu a Europa e que se aproximou de todos os povos e de todas as civilisações como de todos os livros; que conheceu o exilio, a pobreza, todas as angustias e depois, por um reviramento repentino, os gosos do commando e do poder; sempre pobre, sem ostentação e sem fasto, mas não sem a consciencia de seu valor, desdenhando as aristocracias vãs que não se apoiam sobre o caracter, nem sobre o bom gosto; mas não desdenhando do seu tempo nem da sua patria, em qualquer estado que a veja, cheio de ardor pelo bem publico, os olhos abertos sobre o mundo inteiro, applicando-se incessantemente em descobrir as occasiões e os logares, onde lhe seja possível levantar legitimamente a fortuna do seu paiz e a honra da civilisação franceza.

O estudantinho obscuro do lyceu de S. Luiz, o brilhante alumno da Escola Normal que obteve em 1849 o primeiro logar no concurso para adjunto de philosophia, o professor dos lyceus de Pau e de Limoges,

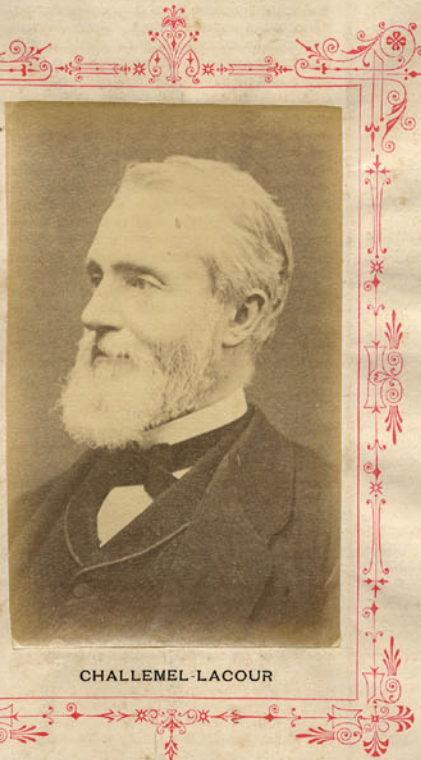
o humilde e laborioso universitarista, alcançou uma das situações mais fortes entre os ministros dos negocios estrangeiros que dirigem os interesses europeus, não só por causa da grande auctoridade que se liga a tudo o que vem da França, mas por

A democracia faz uma idéa inteiramente diversa da distincção, do patriotismo, da elegancia e da gloria. Tem o seu orgulho, mesmo a sua fatuidade, mas de um outro genero, e quando quer revestir-se de fleuma e de arrogancia, se isso lhe agrada, dá-lhe uma elevação suprema.

Todos sabem que M. Challemeil-Lacour, professor de philosophia em Limoges em 1851, lançou a luva á face do golpe de Estado; a sua consciencia, a sua razão, o seu saber, o seu methodo e todo o seu classicismo, o seu jacobinismo, se assim querem, revoltaram-se irresistivelmente e repentinamente á apparição escandalosa d'esse imperio de contrabando. Foi o primeiro e natural movimento da Universidade de França, que estremeceu inteiramente sob o attentado, se empinou dolorosamente; recaihiu debaixo do freio e das redeas, mas os seus membros mais vigorosos, os mais despreocupados dos cuidados da existencia, separaram-se d'ella, conquistaram a sua autonomia. M. Challemeil-Lacour, mettido na prisão, safu d'ahi passados alguns mezes, proscripto, mas livre; expulso de França, pediu ao estrangeiro, á Belgica, á Suisa, á Inglaterra, com o pão de cada dia, a grande e multipla instrucção, a educação variada, a experiencia das cousas europeas que deviam servir mais tarde ao ministro e ao homem de Estado. Sem esta aventura muito provavelmente, M. Challemeil-Lacour, não seria o que é. Talvez guarde d'esse tempo algumas d'essas rugas accentuadas da sua physionomia moral; a lucta pela existencia foi-lhe por mais de uma vez penivel; os impetos patrioticos, a saudade amarga da França causaram-lhe mais de uma noite de insomnia. O estudo, o gosto es-

clarecido das artes eram a sua consolação e deram-lhe, sem duvida, tambem gosos Moraes e prazeres de um grande preço. Deve ter passado mais de um dia feliz em Anvers, na Allemanha, na Italia visitando os palacios e as collecções, cheio de entusiasmo, de senhos e de ideal.

Nascido em 1827, não tinha trinta annos quando os horisontes mais variados se desenrolaram assim a uns olhos.



CHALLEMEL-LACOUR

causa do seu alto valor pessoal, da elevação e da extenção da sua intelligencia, da firmeza da sua linguagem, da clareza dos seus despachos, da sua correcção impecavel, do methodo que brilha em toda a sua conducta.

Elle não soffria nos serviços externos da França esse descosido sceptico, esse relaxamento á moda que a monarchia ahi introduziu e sustentou por sua fraqueza.

Gosava com as obras primas dos grandes artistas de todos os tempos, gosava também com os seus próprios successos, porque fa de cidade em cidade, fallando bem, e pensando bem, recolhendo os sorrisos e os bravos que as suas conferencias lhe atraíam sem difficuldade. Fixou-se na Suíssa em 1856, onde foi encarregado de professar a litteratura franceza no Polytechnicum de Zurich.

Foi ahí que elle recebeu a noticia da amnistia. Regressou a França em 1859, rico com uma multidão de noções interessantes, novas para o publico francez e emprehendeu fazer um curso de bellas-artes. Mas a critica de arte ou de litteratura tornou-se bem depressa para elle o vehiculo elegante e amoldavel de uma outra critica, inteiramente acerba e mordente, dirigida contra o governo imperial. Era duro na verdade e intoleravel vêr-se despedaçar e dilacerar a proposito de Rubens ou de Holbein. O imperio supprimiu este curso de bellas-artes, fechou a bocca a este intelligente admirador de todos os generos de belleza, que não comprehendia a belleza do golpe do Estado; mas não poudo supprimir o desenvolvimento geral da critica que tomava debaixo de todas as formas dimensões prodigiosas.

M. Challemeil-Lacour retirou-se para um circulo de estudos mais tranquillos, esperando a hora do destino. Publicou uma traducção da *Historia da Philosophia* de Ritter (1861), collaborou no jornal *O Tempo*, na *Revista Moderna*, na *Revista dos cursos publicos*, na *Revista dos Dois Mundos* da qual elle foi, durante alguns mezes, o gerente. Deve-se-lhe tambem um estudo sobre Guilherme de Humboldt, intitulado *Philosophia individualista* (1864) que faz parte da *Bibliotheca de Philosophia Contemporanea*. Em 1868, redactor principal da *Revista Politica*, tomou parte na subscrição para se erguer um monumento á memoria de Baudin.

A trovoadá d'este simples successo de imprensa soa ainda aos nossos ouvidos.

Foi então que Gambetta teve a primeira occasião de lançar ao imperio essas palavras vingadoras que serão repetidas a travéz dos seculos. M. Challemeil-Lacour foi condemnado em 2000 francos de multa e o imperio á morte, na primeira occasião favoravel.

Em 4 de setembro de 1870, o governo da Defeza nacional julgou não poder confiar melhor do que a M. Challemeil-Lacour a tarefa difficil de administrar a cidade de Lyon. M. Challemeil, n'esta grande e tempestuosa cidade, no meio do fogo das paixões mais vivas e mais oppostas, desenvolveu qualidades de primeira ordem, uma energia, uma coragem a toda a prova, uma vontade superior.

Quando M. Gambetta deixou o governo M. Challemeil-Lacour deixou a sua prefeitura. Alguns mezes depois, era redactor principal da *Republica franceza*, e no anno seguinte, nas eleições complementares de janeiro de 1872, era eleito representante de Marsella á assemblea nacional, por 50:000 votos approximadamente.

Sendo accusada a sua administração de Lyon, M. Challemeil-Lacour foi admiravel de indignação contida, de sangue frio, de modestia, e depois de desdem pelos seus adversarios. Discutiu pé a pé o relatório, provou que nada havia ali senão um desejo insensato de aviltar a Republica e a Defeza nacional. O seu triumpho foi completo: subiu pela primeira vez á tribuna do parlamento; quando desceu, disseram unanimemente que era o orador mais completo do partido republicano. Não deixaram a Gambetta o primeiro logar senão pela sua inspiração triumphante e pela propria elevação do genio.

Em janeiro de 1876, M. Challemeil-Lacour foi eleito senador dos Bouches-du-

Rhône. Tomou parte, como senador, na discussão de lei sobre a collação dos grãos e pronunciou um notavel discurso sobre a politica da Igreja, em resposta a M. Dupanloup.

M. Challemeil-Lacour foi nomeado embaixador de França junto da Confederação helvetica. D'ahi foi enviado a Londres, onde pareceu estar em desacordo com Gambetta sobre varios pontos secundarios da attitude da França na questão egypcia. Deu a sua demissão e voltou ao senado, onde tomou parte na discussão da lei acerca dos principes. Na manhã seguinte foi nomeado ministro dos negocios estrangeiros no gabinete Ferry, pronunciando então o bello discurso de 13 de março. (1)

HECTOR DEPASSE.

A PENA DE MORTE

AOS SANGUINARIOS

Horriavel, horriavel a pena de morte! Mais horriavel ainda, quando revestida de circunstancias que mais monstruoso tornem esse crime social, como ha pouco se demonstrou em Hespanha...

Lei alguma por mais justa a auctorisa, lei alguma por mais necessaria á manutenção dos fins a que ella vise a desculpa.

Admittido como direito, que o poder publico, ou o estado, possa dispôr da vida dos seus subordinados em certos casos, já por occasião das guerras que decreta, já pelas sentenças de justiça que administre, o attentado contra a vida humana será sempre um erro monstruoso, embora a sociedade possua todos os direitos para se conservar por meio d'elle, pois que, por outro lado necessita prohibir para sua conservação tudo quando possa lesar a integridade do ser humano, até á execução d'esse direito que significa um crime.

Uma nação qualquer, com os foros de civilisada, deve ter por *governantes* individuos que aos *governados* faculsem o respeito pela lei afastando-os do crime, não lhe negando a justiça, a segurança, e os meios de aperfeiçoamento physico, intellectual e moral na pratica dos melhores exemplos; o que não pôde demonstrar estabelecendo a pena de morte por ser ella a prova dos seus proprios erros!

Banida a pena de morte em Portugal nos codigos civis, e sustentada nos codigos militares, resultou na primeira parte a diminuição dos crimes punidos outrora com a pena capital; sustentada nos crimes militares, provou a necessidade da sustentação d'uma forma de governo, tyranno e perigoso para a sua felicidade, conservando-o como um meio de horror, levando o exercito á sua obediencia em todas as partes justas e injustas por meio d'elle! Contudo a eliminação da pena de morte para os crimes civis em Portugal, provou não ser pelo horror que os povos se civilisam, e sim, com as medidas da mais sã administração, profusão de moral, e mais partes inherentes a todas as qualidades d'uma boa forma de bem governar; o que entre nós se não tem praticado, provando-se meramente na extincção d'essa pena: que os povos se revoltam contra um direito que estabeleça um crime!

Ao contrario de Portugal, a Hespanha que nos devia imitar, sustenta a pena de morte: mas sustenta-a pelo modo o mais aviltante, fazendo fusilar uns *criminosos* a quem os seus carrascos ensinaram a *errar*, querendo taes criminosos o restabelecimento da lei verdadeiramente sábia e gran-

(1) Estes traços biographicos foram extrahidos da biographia de Challemeil-Lacour, publicada na collecção das *Celebridades contemporaneas*.

de porque se deviam reger! Não se farão esperar as consequências d'esse crime. Prostrados no nada como ha dias foram umas victimas mais dos sanguinarios que a pobre Hespanha dominam, outros saberão vingar os verdadeiros crimes que ficam por punir...

Uns martyres mais, em frente d'um futuro que pouco antes lhes corria risonho, deviam soffrer ali o peso d'uma lei abominavel, e muitas vezes vil, mas acatada pelos mantenedores da *ordem* e da *justiça* que em Hespanha hoje imperam!

Horriavel, muitas vezes horriavel! Que gritem assim os que lhe eram caros, e os que amem a verdadeira justiça que nada tem com esse modo de ser punido um crime que só exprime a revolta da consciencia ferida por um insulto feito á humanidade soffredora! Maldição eterna! sobre os que annullaram para a sociedade uns desgraçados a quem a vida lhes sorria esperançosa, commettendo o *delicto* de olhar para o povo d'onde saíram, offerecendo-lhe os seus carinhos na offerta da sua vida por elle: o poder constituído em Hespanha devia responder-lhes pelos canos de muitas espingardas, contra elles desfechadas pelo mesmo povo!!!

Tal foi e será sempre a justiça dos perversos que se traduz pela tyrannia, uma vez esmagada a consciencia d'um povo que a não auctorisa, que a não permite, e que só perante ella se prostta humilde até ao desespero, em virtude da força bruta com que ella lhe é ditada!

Compreenda-se isto. Portanto, abafados já os gemidos d'aquelles martyres, a historia registrará um attentado mais praticado pelos que deshonraram a lei, revolucionando-se contra ella proclamando a monarchia em Hespanha, ditando-a depois sob a forma mais aviltante, fazendo fusilar os que antes os imitaram!

Pobres orphaes sem amparo que assim t'o roubaram! Pobres mães carinhosas que assim perderam essas raizes d'alma que tanto queriam! Desditosas, as escolhidas d'aquelles corações tão nobres que já não pulsam, crivados como foram pelas balas assassinas da monarchia affonsina! Ouvistes, acaso, o estampido das descargas assassinas? Vistes, coberto de sangue o solo da patria dos que vos eram queridos? Recebestes na hora fatal, uns beijos d'aquelles labios que muitas vezes deviam pronunciar a palavra — liberdade — nas proximidades do attentado que contra ti commetteram, partilhando do insulto que elle representa toda a humanidade seqüiosa da justiça?

Achegastes contra os seios os filhos que *ainda te restam*, futuras victimas, talvez, dos sanguinarios Bourbons? Choraram elles, despertados na sua innocencia por aquella bulha estranha produzida pela queda dos fusilados, que eram: a carne da sua carne?! Ah! Que tudo isso devia produzir o traidor de Sagunto!

Sim! o sublevado de Sagunto devia produzir tudo o que de monstruoso esse dramaterriavel devia encerrar! Deve estar satisfeito, o perverso, continuando a fazer espingardear os que agora o imitaram, não, traíndo uma causa justa como elle, mas sim, tentando lavar com o seu sangue uma noção que a sua patria enchovalhára, considerada como aviltante para a Hespanha a dominação dos Bourbons que por isso expulsaram!... Que esperari agora o renegado e outros em que a monarchia se escuda? A consolidação da monarchia proclamada ella em virtude d'uma traição?

A manutenção da ordem provocada a desordem?

O respeito pela liberdade de consciencia, suffocada ella no peito dos opprimidos para expulsir medonha um dia, acompanhada da vingança que a mova terriavel?

O respeito imposto pelas balas assassinas que só exprimem a morte?

As alegrias d'um povo vestindo pesados lutos?

Ah! que não pôdem ser duradouros os teus dourados sonhos homem sem coração, porque os povos de hoje, não aceitam as leis de *hontem*, jámais assim demonstradas!

Que passe, triumphante, o *heroe* que a Hespanha assim engrandeceu! Que o seu poder consiga amordaçar a imprensa que não possa ter opinião além da sua, que exprime o despotismo! Fusilae ainda; mas certos que a razão triumphará também! Amordaçae a imprensa; mas certos que ella mostrará um dia o brillantismo da sua luz...

Longe de ti, e d'outros que hoje esmagam um povo infeliz, mas grande pelo seu soffrimento, achareis quem o anime até ao ajuste de contais que não virá longe...

Saudemos os *vençidos*, incitando-os para a lucta, não querendo que um dos orgãos do partido republicano, a *Galeria Republicana*, emmudeça perante a grandeza do infortunio de outros; prestada como já foi por toda imprensa republicana portugueza aos republicanos hespanhoes a homenagem a que tem juz, descobrindo-nos também em sentida homenagem aos martyres, da patria e da liberdade!

J. DE ROSIERS.

O esphacelamento da monarchia

Affirmar que as monarchias, *por graça de Deus*, não teem prestigio nem mesmo são capazes de pôr em pratica as muitas e variadas reformas que o espirito da época aconselha; affirmar que ellas significam o contrasenso, a veniaga, a corrupção, o despotismo e o retrocesso,— não é ser terrorista, nem querer que uma instituição politica se deturpe, se rebaixe, sem motivos justificados.

As monarchias, condemnados pela Historia e pela Philosophia, servem hoje só para o martyrologio dos povos, algemando-lhes as suas melhores garantias, submettendo-os á escravidão e ao ridiculo, e esforçando-se, cada vez mais, para lhes extorquir as ultimas migalhas, reduzindo-os, d'esta fórma, á última miseria, ao extremo das degradações.

As monarchias, tendo por chefes quaesquer figurões denominados *testas coroadas*, tiveram o seu periodo *dourado* nos tempos de obscurantismo, n'essas épocas em que os povos, cegos pela ignorancia, consideravam os reis como deuses terrestres, emanados, portanto, de um poder divino e sobrenatural!

O fausto e as grandezas das monarchias atrofiavam os seus vassallos e faziam d'elles os mais submissos escravos.

Esse tempo, felizmente, já passou.

Hoje, para os civilizados não são o luzido da corte, os brazões heraldicos e mil outras lentejoulas que lhes offuscam a mente a ponto de chamarem ao rei o *seu deus!* não, pelo contrario, são todos esses *luzeiros* da aristocracia realenga que faz com que elles abominem as monarchias e as considerem como symbolo do ridiculo, da farça e do privilegio; reis e os seus eudatarios, tendo por brazões, as mais das vezes, a ignorancia, o despotismo e a ambicao desregrada de continuos *arranjos*, representam, na sociedade, uma horda de parasitas que vejetam á custa do suor do povo, a victima immulada no altar dos thronos.

Ainda não ha muitos dias, que a imprensa republicana, incluindo a portugueza, já muito numerosa, digna e valente nos

seus principios da causa do povo, festejou o dia 14 de julho em homenagem á Tomada da Bastilha, conquista que deu renome á França e encheu de contentamento os inimigos do feudalismo e da aristocracia.

Perseguir e maltratar os homens mais importantes de uma nação, como fez Luiz XV, merecia, como correctivo, o protesto do povo sensato, d'aquelle que, em occasião opportuna, sabe desligar-se dos velhos e torpes preconceitos, proclamando a sua emancipação social.

Camillo Desmoulins, o soberbo orador do Palais Royal, enthusiasmando as massas populares e dirigindo-as para a tomada da Bastilha, deve ser considerado como um verdadeiro defensor do povo, como um athleta que, tirando as forças do proprio perigo, faz triumphar a justiça demolindo, para nunca mais se erguer, essa velha e abjecta fortaleza, amaldiçoada pelas gerações de quatro seculos e onde os monarchas, civados de despotismo, encerravam as suas victimas.

A França, depois de tanto soffrer, levantou o grito da revolta, luctou corajosamente pela defesa dos seus direitos e pôde, afinal, triumphar dos seus inimigos, que a acorrentavam a uma servil escravidão.

As monarchias de hoje, embora constitucionaes, atacam os seus povos com garras mais ou menos aduncas do absolutismo, coartando-lhes a Liberdade e extorquindo-lhes dinheiro, e mais dinheiro, para ser gasto as mais das vezes em miseraveis concluios e muitas outras bambuchatas.

Portugal, como nação monarchica, tem soffrido as maiores affrontas das outras nações, como ainda ha pouco aconteceu no parlamento da nossa *fiel* aliada, e o governo do rei não teve coragem e brio para defender a sua dignidade ultrajada!

Talvez pensasse bem: Jacob Brith, chamando-nos *nação despresivel*, etc... teria razão...

Na verdade, as nossas colonias entregues ao mais condemnavel indifferentismo, consideradas, por assim dizer, como filhas espureas; a marinha quasi nulla, sem bussola e forças para resistir aos ataques inimigos; o exercito indisciplinado, sem instrucção, e armando de *cacos* velhos— pagos por bom dinheiro;— a industria, o commercio e as artes a definharem cada vez mais; a divida publica em 500 mil contos, sextuplicando de 1833 para cá; a cortagem dos empregos e os roubos a apparecerem diariamente nas repartições publicas, sendo os ladrões *condemnados*, no ultimo caso, a pedirem a demissão...— os roubos officiaes dos bens, joias e 307 comunidades religiosas, tudo pertencente á nação,— formam, na verdade, um quadro de miserias deante do qual se deve envergonhar o verdadeiro patriota.

Mas, que importa que a nação soffra, que o povo emigre em busca de umas migalhas para tratar a fome a seus filhos, se o senhor de Braganca se diverte, rodeado dos seus aulicos, ora fazendo uma viajata á vizinha Hespanha, para pagar uma visita de cerimonia e beijar *o hijo de su madre*, ora indo ao Porto assistir ás festas *liberaes*, promovidas por uns ratões de furtacões?

A rainha, os principes, o infante D. Augusto e D. Fernando, não fazem o mesmo?

Que importa, pois, que o povo soffra e gema debaixo do pesado jugo de monarchia, se os senhores de Braganca se divertem, rodeados de musicas, de bandeirolas e de um vivorio encomendado, que não deixa ouvir os clamores d'esse mesmo povo?

Pelo *simples* motivo do povo luctar com a miseria, com uma crise tremenda, hade a familia real deixar de passeiar, de viajar, de se divertir, finalmente?

Está claro... que não...

Os negocios do Estado devem continuar a mover-se nos mesmos eixos, visto que o sr. Fontes, *por graça de Deus* tem a confiança e preteção da corôa e o apoio do paiz. E se, por ventura, os da regeneração abandonarem as pastas, por uns *brios* quaesquer, são logo sobraçados por outros ávidos da governança, e a *caranguejola* vae seguindo o seu rumo baloiçando-se entre Scylla e Carybdes.

Para concluímos, diremos que o esphacelamento da monarchia portugueza vae progredindo cada vez mais, acontecendo o mesmo nas demais nações que ainda teem a infelicidade de ser governadas pelo regimen monarchico.

Depois do seu ultimo desabamento cumpre aos republicanos unir as forças vivas da nação para só as empregar no engrandecimento da patria.

Porto. COSTA E SILVA.

O ANJO DA CARIDADE

Em quanto da luz a terra um anno, todo bondade, da mais fina sociedade, nos grandes brodios se afferra,

da miseria a cruz guerra soffre o *Ze* com humildade! Oh! que anjo! que caridade no sensivel peito encerra!

Bem affirma a nossa *Granja*, Bem me dizem e eu não nego, que o tal anjo la na *estrangia*

Anda em desvario cego a aprender como se esbanja, como hade pôr-nos no *prego!*

AVRES DA CONCEIÇÃO.

RISOS E LAGRIMAS

AO BROSIO PROPRIETARIO E EDITOR D'ESTE JORNAL SR. JOÃO JOSÉ BAPTISTA

É de risos e de lagrimas, o viver da humanidade! Quão triste é dizer isto, quando reconhecemos que a mesma humanidade assim o exige!

Mas, porque não exigir ella o contrario, procurando suavisar tal existencia?— Por que a miseria d'uns necessaria é aos gosos d'outros?

Assim é! Se a humanidade só tivesse alegrias, diz ella, seria muitas vezes maldita, condemnada como se acha, a soffrer mais do que a gosar... Nascido o homem, da *plebe*, cabe-lhe chorar toda a sua vida por ter nascido assim; nascido d'entre as altas camadas sociais, deve ir e gosar, determinado isto por uma *lei social* que taes gosos lhe regula em conformidade com a escala por onde subiu ou tem que subir!... Degradante pensamento que no mundo encontramos, sob o regimen monarchico que o permite e exige para a sua conservação e poderio! É horrivel isto, quando meditamos que muitos dos que soffrem, não querem, ou não sabem estabelecer uns tantos direitos de igualdade que lhes pertencem, filiando-se nos partidos avançados d'onde elles emanam!

Comtudo, nós lhes ensinamos a repellir os que d'elles zombam n'esse ir voluptuoso e perverso com que os esmagam; embora o retrahimento de muitas das suas victimas pensando em se afastarem de nós fazendo-nos isto seismar... Por isso, é de risos e de lagrimas, o viver da humanidade, vendo sempre ante si, dois patibulos; figurando n'um, manietada a justiça dos miseraveis filhos de povo; n'outro, a deshonra dos seus tyrannos, sempre infames, no seu tripudiar ali, cobertos de honrarias que nada valeriam em contrario!...

Conhecido que fosse pelos primeiros, o direito que lhes assiste de regular esses gosos, teriam os que d'elles zombam um supplicio maior, forçados a cooperar para o estabelecimento dos seus direitos de igualdade que nunca respeitam!

Comprehendido assim, qual seria o valor dos brilhantes com que se adornam? Qual seria o valor do ouro com que os pervertem levando-os á humilhação em todos os actos cruciantes da seu viver miseravel? Teria este, o poder de alimentar o vicio ferindo a virtude? Determinaria elle, a pratica de tudo que de mais vil existe? Não! E não; porque os brilhantes que hoje lhe ofuscam a razão, deixariam de representar as suas lagrimas; não, porque o ouro menos accumulado devia perder tal valor!

Melhor empregados os sacrificios enormes que representam as riquezas de que só os poderosos dispõem, nao teria a humanidade desejos de morrer depois de lhes prestar culto como á vergonha que não soube combater!... Mas, infelizes d'elles, dos poderosos que dos humildes escarnecem julgando-se só elles grandes; nós, que representamos os *plebeus*, sabemos-lhes mostrar qual a verdadeira nobreza que lhes falta e que possuímos no nosso humilde viver; longe d'esse viver licencioso que não dispensa a sua *posição social*; affastados dos palacios onde muitos niveos collos, devassados, pela impudicia dos aristocratas e poderosos que os frequentam..., se apresentam adornados de custosos brilhantes, ao tempo que, na rua, transida de frio, e extenuada pela fome, a mulher do povo, pensa nos filhos pedindo para si e para elles um dos milhares de pães que o mais insignificante d'aquelles brilhantes representam, subtraídos aos pobres filhos do povo; longe d'elles, d'esses antros da podridão social, nós, que personificamos a humanidade honesta, embora a que chora porque a roubam e a opprimem, empunharemos o azorrague da verdade; levando-os ao patibulo da deshonra com a nossa frente levantada, e cheios d'essa altivez que nos nobilita emanada como ella é da virtude, prégando a moral, contra a perversão dos costumes que os grandes nos manifestam n'esse proceder baixo e vil! Sim! nos, os filhos do povo, os *plebeus*, em frente de vós oh! aristocratas e poderosos que possuis um sangue diferente do nosso (como dizeis!) nós, os republicanos, aquelles que só reconhecem, como verdadeiramente nobre, todo o que é honrado e digno; grande, o que sabe elevar-se ás imminencias do poder, ou fóra d'elle pelas suas acções; sabemos desprezar-vos, como as vossas grandezas que só para os loucos e perversos muito valém!

Nesses palacios, onde se esquecem os que não tem pão, deviam estes entrar, gritando aos que lh'o negam depois de lh'o roubarem:—Não mais riquezas accumuladas n'esses brilhantes que são as nossas lagrimas!

Para aqui já! essas pedras luzentes que só servem para nos ferir a vista! Não t'as roubamos; queremos-as para as substituir por umas toseas pedras de alvenaria que sabemos valerem muito mais! Para aqui já! o ouro que ignobilmente tendes accumulado, para com elle robustecermos o commercio, a industria e a agricultura, que por vossa causa se definham! Ouvi e obedeci-nos, grandes da terra, cuja grandeza significa o opprobrio do povo: não sois mais do que nós! Condenados pela *vossa religião*, a um trabalho constante, cabe-vos trabalhar tambem, pondo de parte a ociosidade em que viveis; as orgias que vos deliciais; os debochos que vos satisfazem; os vicios que vos animam.

Igualdade! igualdade! acrescentariam-nos! Não mais servos escarnecidos, não mais orgulhosos atrevidos. Povo! alevan-

ta-te! aproxima-te de nós que te damos a luz! Os grandes, os poderosos da terra aviltam-te com esta divisão que na sociedade criaram para te offenderem:—Clero, nobreza, e povo!—O clero e a nobreza são o teu flagello, ligados como se acham estes dois poderes contra ti! Liguemo-nos tambem contra elles prostrando-os na luta por contrarios á nossa dignidade!

Ah! mas a humanidade que soffre não quer isto! Apenas, uns gritos isolados se ouvem aqui, e alli, dilacerantes sim, mas sem echo, seguindo-se a mudez dos que soffrem perante *umas festas* que os seus verdugos lhes preparam quando os ouvem gemer! Em todos os paizes onde a monarchia e o catholicismo predomina se vê isto; servindo como meio principal de calar taes queixumes, a igreja, que as victimas de tal proceder sustenta para vergonha sua!

Lá tem para tal fim os seus *Te-Deums*, as tuas ladainhas, as missas *cantadas e rezadas*, que o povo *ouve sem ouvir (!)*; tudo isto acompanhado de *sermões* onde o padre possa levar-o a uma obediencia cega aos que o deshonrem e o roubem! Ali, se lhe ensina a viver miseravel; pago esse ensino, com o suor do seu rosto, levando-o a trabalhar e a morrer, por todos os tyrannos que os insultam!

D'aqui, o soffrimento continuo da humanidade, as suas lagrimas nas horas de dôr; aliviado isto por uns intervallos em que pensa que tendo nascido miseravel assim deve morrer! Mas... embora! Sim, embora, infelizes a quem as forças fraquejem nas horas da luta, contra o mal estar que vos assoberba; nós, que por vós sacrificamos a nossa vida n'um labutar insano escrevendo a lei porque tendes de vos guiar um dia, vamos a escrevendo, dia a dia, como a melhor doutrina para que todos a leiam e a estudem! Que os charlatães que se intitulam os vossos medicos do espirito se riam de nós, entregues nas horas de ocio ás perdas caricias da mulher que lh'as vendia; que os ricos e poderosos da terra, elevados ao poder pelo crime por onde se guindaram gosem o monopolio das regalias que a outros pertenciam, que nós lhes diremos: Proseguí! Proseguí, n'esses gosos que vos darão o alimento dos vossos crimes! Podeis rir para que outros chorem até a um fatal ajuste de contas... Póde a mãe do orphão morrer de fome para que lhe não falte o amparo que lhe negaes, não curando da sua miseria; póde esse filho, feito homem, povoar uns sertões inhospitos que lhe destinaes para lhe afogardes a vida; embora, menos criminoso do que vós porque o não educastes, levando-o á pratica do crime a falta d'essa educação; tereis ainda, tirados dos famintos filhos do povo os exercitos que vos acobertem de todas as responsabilidades que vos caibam em resultado do vosso proceder infame; tudo, tudo, oh! poderosos que dos humildes abusaes! Conservae emfim, presa ao estado a *vossa escolhida religião*, recebendo d'ella a força de que careceis; que tudo isso caírá um dia perante a soberania popular: a exemplo do que a França praticou no seu mais temivel movimento revolucionario, n'aquella oscillação medonha de uma sociedade soffredora até ao desespero, que levou a cada-falso a realza que d'elle abusára!

Como ali, terão os miseros que soffrem n'este pequeninho cantinho da Europa o que lhes falta, castigados taes crimes! Como ali, terão todos os povos onde os seus tyrannos triumphem pela força do despotismo, a semente reformadora que a França nos offereceu.

É isto inevitavel, embora a effusão de sangue, que para tal fim se necessite. É isto uma necessidade cruel, mais precisa ao bem-estar da humanidade.

O ponto de partida para o estabelecimento da ordem, e da felicidade dos povos, está na fórma de governo que mais em conformidade esteja com as suas exigencias, que são:—A pratica da justiça em toda a sua amplitude na negação completa de direitos adquiridos por hereditariade; na extincção amplissima dos titulos de nobreza; na criação de escolas para a sua mais perfeita educação; na redução ao minimo das forças militares que só criam parasitas roubando muitos braços á agricultura, commercio e industria; no melhoramento geral de todas as classes productivas pela redução das horas de trabalho (a exemplo da America); na applicação da lei com a devida igualdade, a todos os individuos, sem distincção de classes, tornando todos o nome de cidadãos; finalmente, proclamada a republica em varios pontos do mundo onde ella se faça assim desejar, produzindo taes effectos em beneficio da humanidade que soffra e reclame justiça.

Em contrario, que se repitam os clamores das victimas dos ricos e dos poderosos, lembrando-lhes dia a dia a epigraphie d'este artigo devidamente applicado ao seu viver miseravel...

J. DE ROSIERS.

CONFRONTOS HISTORICOS

(Continuação)

IV

Nos ultimos tempos os esbanjamentos governativos tem tocado a méta do devario infrene, prova da decadencia monarchica, em tudo igual é opperada em França, no periodo a que nos temos referido.

Tomamos da bocca auctorisada do nosso collega dr. José Jacintho Nunes (um republicano sincero, intelligente e convicto) a seguinte estatistica, altamente significativa, onde se mostram algumas das enormes despesas, feitas n'estes ultimos tempos, sem que d'ellas resultassem para o paiz melhoramentos em harmonia com os sacrificios que occasionam ao Povo, soberbamente collectados pelos governos de s. m. fidelissima:

Visita do rei de Hespanha.....	1:000 contos (1)
Novos impostos.....	2:400 .
Syndicato.....	2:700 .
Passeto militar.....	500 .
Viajatas regias.....	1:000 .
	7:400

Na realidade para um paiz pequenissimo, onde o sal, a luz e o pão estão largamente contribuidos, onde a instrução e a agricultura estão abandonadas, onde as artes e as sciencias não conseguem desenvolvimento — é de mais — é roubos, é expolição, é vandalismo.

Chama-se a isto, roubar, expoliar, vender o Povo. Pois que elle se exaspere, que tome severas contas aos delapidadores, mas não ao rei (talvez o maior de todos, mas o menos responsavel) que ainda ha pouco cumpriu a sua palavra, dada na primeira legislatura do seu reinado, convertendo em lei o tractado de Salamanca e outras patifarias de igual calibre.

Se o paiz não queria *salamanguicos* não mandasse ao parlamento *salamangueros*. Os eleitores comeram carneiro com batatas e despejaram os odres eleitoraes, nos dias da patuscada — pois paguem agora que quem come paga.

— Ou cuidavam que tudo aquillo era de graça?

— Pobres eleitores!

ERNESTO PIRES.

(1) Attingem mais do dobro.